

Leitura (parafraseada) da Epístola de Yuval Harari aos Sapiens

Já alguma vez paraste e pensaste sobre quão vasto e colossal é este cosmos no qual nos encontramos à deriva? Já alguma vez deixaste a tua consciência divagar até constatares, numa epifania arrojada, que é gigante o fenómeno da vida, que cada intermitente respiração que damos constitui uma das mais exímias proezas de engenharia e arte alguma vez elaboradas? A probabilidade de tu existires, exatamente como és, deve ser um infinitésimo muito, mas muito pequeno. Desde a ocorrência do Big Bang até ao Sistema Solar ter-se formado, até à Terra ter-se desenvolvido precisamente no local que permite que a água exista na sua matriz líquida (viabilizando assim a vida), até à formação de pequeníssimos organismos e à sua espantosa evolução, até ao surgimento dos humanos, até à tua génese e ainda o contexto social em que crescestes, condicionaram e traduzem aquilo que és, tendo havido todo este caminho tão extenso para trás. (Foi mesmo um longo caminho, deveras, que esta frase, que não tem metade daquilo do que são os gigantescos fatores probabilísticos que nos caracterizam, nunca mais acaba).

Embora hoje estejamos civilizados, vestidos, urbanizados, conectados por redes dos mais diversos feitios, não somos tão diferentes daquilo que eramos há 100.000 mil anos. Por todo o lado, podemos encontrar situações que, embora não sejam exatamente iguais, são particularmente semelhantes com aquilo que os nossos antepassados vivenciavam.

Tome-se, por exemplo, a compulsividade alimentar por produtos saborosos e de elevado conteúdo energético. A obesidade é um dos grandes problemas da nossa sociedade moderna, entre muitos dos que nos assolam. Não querendo minimizar a mesma, podemos “lavar as nossas mãos” parcialmente, culpabilizando os nossos “primos” muito antigos. Recentemente, têm surgido indícios e teorias de que, quando um ser humano arcaico encontrava algo que lhe fosse muito saboroso, ele saberia reconhecer que, muito provavelmente, esse produto teria muita energia em si, como, por exemplo, fruta fresca (embora presumivelmente agisse por instinto e não por conhecimento da energia contida nos açúcares naturais da fruta, dada a ausência de nutricionistas no Paleolítico). Como se tratava de uma situação rara, o indivíduo faria por consumir o máximo que conseguisse daquele alimento, a fim de poder extrair o maior proveito daquela fruta, antes que outros animais a roubassem ou que esta apodrecesse.

Julga-se que esse gene da voracidade ainda hoje estará connosco, daí que muitas vezes não conseguirmos resistir a uma fatia de bolo de chocolate ou a um *croissant* quentinho, estaladiço, acabado de sair do forno.

Outro fator que também poderíamos empurrar para o nosso passado seria a traição amorosa que surge nos casais da atualidade. Este facto seria, de igual modo, muito útil para muitos amantes se desculpabilizarem dos seus comportamentos de infidelidade. Crê-se que os hominídeos partilharam esposas/maridos dentro das suas comunidades e que os filhos seriam criados por várias mães. Até poderiam desconhecer quem seriam os seus pais, em termos biológicos. O mesmo se aplica ao chimpanzé, o ser vivo com o qual temos maior parentesco (quase 98% da informação genética é igual). Este primata, dentro dos seus grupos sociais, também partilha cônjuges e o cuidado dos mais novos é dividido pelos indivíduos do bando.

Como vemos, ainda temos muito de animalesco, mas, efetivamente, somos diferentes. Ou, pelo menos, sentimo-nos assim e até nos achamos superiores por julgarmos que somos. Mas isso fica para outro parágrafo.

No decorrer do tempo que nos separa do nosso ponto de partida genealógico, o que à escala geológica não passa de uns meros segundos, fomos acoplando diversos fatores que fizeram divergir a nossa linha evolutiva da dos demais seres vivos. A comunicação eficaz e fervorosa foi um desses fatores.

Nós, humanos do tipo *Sapiens Sapiens*, adoramos falar. Falamos a comer, falamos ao telefone, falamos no trabalho, mas, mais do que isso, falamos sobre aquilo que nos entretém, discutimos o panorama político do dia, expomos as peripécias do nosso quotidiano, o que aconteceu ao nosso vizinho e ao carteiro. Certamente, os físicos catedráticos, nos cafés das universidades, os soldados, no exército, nas cantinas militares, ou os médicos, nos hospitais, nos seus intervalos e tempos mortos, não falarão apenas de situações de trabalho. Muito provavelmente, estarão a validar (ou não) a posição do árbitro relativamente ao golo, no jogo da final do dia anterior. Estarão a falar com as suas amigas mães sobre uma receita nova para bebés, ou ainda a comentar o recém noticiado namoro entre dois colegas de trabalho que mal se davam. Isto pode parecer um pouco longe de uma analogia científica, mas cada vez mais se pensa que a coscuvilhice, o palrar imparável e os mexericos foram e são um dos grandes motores da nossa evolução. Porquê? Vejamos um exemplo clássico e simples que nos transmite a dimensão desta componente: imaginemo-nos no corpo de um caçador recoletor, algumas dezenas de milhares de anos atrás. Avistamos um enorme mamute, um possível manancial quer de carne gordurenta e nutritiva, bem como de presas para

fabrico de armas e peles quentes para o frio que se adivinha no Inverno. Sozinhos, não teríamos grandes hipóteses, facilmente, as opulentas presas e o avantajado tamanho do animal nos esmagariam. Iríamos, então, chamar o nosso bando, para sermos bem sucedidos. Aqui entra a nossa crucial comunicação. Ao avisar os companheiros, vamos dizer-lhes apenas o local onde está a presa e o que vamos fazer? Diríamos só: “Vamos caçar naquele monte.”? Não estaríamos preparados. Mas se eu disser: “Vi um mamute, do tamanho de uma árvore, da altura de dois homens, no cimo da montanha, junto ao precipício, sozinho. Podemos ir com as nossas lanças e empurrá-lo pela ribanceira. Apanhamos depois a comida lá em baixo.”. A taxa de sucesso seria muito maior. A pormenorização e os detalhes fizeram, efetivamente, a diferença no rumo da nossa espécie.

Não só a comunicação foi fulcral, mas outros fatores que apelassem à união e ao sentido de pertença a uma determinada comunidade tiveram igualmente um impacto de relevo. As crenças foram um desses fatores. Se um ser humano primitivo conseguisse convencer outros de que uma ou mais entidades naturais lhes asseguravam aspetos de sobrevivência em troca de que as louvassem, poderia encontrar uma forma de cooperação muito eficaz. Mesmo não se conhecendo, dois estranhos, desde que acreditassem nos deuses do mesmo culto, facilmente, trabalhariam em conjunto para o bem das suas divindades. Se um grande grupo acreditasse todo na mesma religião, seria mais eficazmente coordenável. Os egípcios fizeram construções incríveis, como, por exemplo, as pirâmides de Gizé, a mando do seu faraó, pois ele encontrava-se numa posição de diretiz divina. Não se sabe ao certo se seriam forçados ou não a trabalhar, mas temos hipóteses que apontam que o faziam para dignificar os Deuses, sendo esta uma tarefa honrada.

Embrenhando-nos na minha perspetiva, tais acontecimentos só terão sido possíveis devido a um elemento que permite, embora sem consenso absoluto científico, distinguir os humanos dos animais, a consciência. Embora alguns animais se reconheçam ao espelho, a compreensão do “eu” estimulou o desenvolvimento humano e permitiu a criação da religião, da arte e de outros fatores unitários impulsionadores das comunidades. Uma pessoa religiosa questiona-se quem a terá colocado neste local, como será essa entidade, se ela se preocupa connosco e outras tantas perguntas. Essas perguntas são todas inerentes ao conceito de saber quem sou e de procurar responder às perguntas do “eu”. As artes, de igual forma, também se associam à consciência, através da identidade da expressão artística, por exemplo: o pintor sabe que foi ele que

fez aquele quadro, que fez com a sua ideia e que outras pessoas poderão sentir e pensar coisas ao olhar para o **seu** quadro.

Posteriormente, com a invenção da escrita, algures na Idade do Bronze, ainda se expandiu mais o meio artístico e a expressão dos pensamentos. E a música, certamente, teve um papel determinante na afirmação da identidade de um povo. Todas estas vertentes artísticas permitiram estimular a expressão da emoção humana e o aumento da relação com os deuses e seres místicos. Seres humanos mais cientes das suas emoções serão seres humanos com maior capacidade cooperativa e com mais sentido de pertença a um agregado social, e, por outro lado, na altura, sentindo aversão por aqueles que não se incorporassem nela. Um nosso antepassado procuraria curar um semelhante magoado se por ele nutrisse algum laço afetivo ou se este fosse da sua tribo, além de que uma palavra amiga (ou um grunhido, não sei bem) proferida por um coabitante poderia amenizar a dor.

Em contrapartida, retomando a ideia previamente anunciada, tantos anos de evolução e de aprendizagem, tanta história e desenvolvimento e, afinal de contas, somos dos animais mais egocêntricos da face da Terra (senão, o mais arrogante). Provavelmente, a culpa não está na nossa natureza humana. Imagine-se uma realidade distópica para humanos, utópica para galinhas, nas quais estas aves seriam os donos do mundo. Um mundo onde haveria galinhas de cabelo laranja como presidentes, galinhas médicas e enfermeiras a combater pandemias que os humanos lhe passaram, e ainda galinhas com o número 7 nas costas da camisola, que bateriam todos os recordes do futebol mundial. Uma realidade paralela, em tudo igual à nossa, mas com galináceos. Certamente, neste mundo alternativo, estas aves também seriam os animais mais arrogantes e superiores do planeta, tal como nós, e, provavelmente andariam em guerra, poluiriam os mares, cortariam as florestas e não se preocupariam muito com o solo que habitam e o que está acima dele (exceto para um grupo de galinhas ativistas, quem sabe). O poder é, deveras, viciante, como é do conhecimento do senso comum. Felizmente para nós, a nossa realidade não é esta.

Cabe a nós, humanos do mundo presente, pensar naquilo que somos e acordar. Pensemos na sorte que temos de sermos quem somos, de termos tido este caminho glorioso que podemos evitar, hoje e amanhã, que se degenera. Olhemos para a felicidade em estar vivo, na diversidade, no maravilhoso funcionamento da máquina universal. Não se trata de um texto de autoajuda (bem que poderia ser), mas sim de uma meta-análise de reflexões que me chegam dos órgãos pensantes que existem por esse mundo.

Ainda há muito por compreender, mas enquanto não se sabe mais, não maltratemos este mundo, não estraguemos a nossa preciosa casa (e a dos outros habitantes vivos). Não sejamos como as galinhas dominadoras, mas sim, um animal no meio de tantos outros, com uma história e que quer ficar por cá.